



<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>



Macroprojeto *Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas*
Projeto de Criação e Editoração do Periódico Científico Revista Metáfora Educacional
(ISSN 1809-2705) – versão on-line
Grupo de Pesquisa *Bio-Tanato-Educação: Interfaces Formativas*
Autoria: Prof.^a Dra. Valdecí dos Santos

Revista indexada em:

NACIONAL

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES / Ministério de Educação (Brasil) - **Qualis 2013** (atualizado em 27/set./2015): Ciências Biológicas: Ciências Biológicas II (**C**), Ciências Humanas: História (**B4**), Ciências Humanas: Psicologia (**B4**), Ciências Humanas: Educação (**B4**), Linguística, Letras e Artes: Letras/Linguística (**C**), Multidisciplinar: Ensino (**B2**) -

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>

GeoDados - <http://geodados.pg.utfpr.edu.br>

INTERNACIONAL

CREFAL (Centro de Cooperación Regional para la Educación de los Adultos en América Latina y el Caribe) - <http://www.crefal.edu.mx>

DIALNET (Universidad de La Rioja) - <http://dialnet.unirioja.es>

GOOGLE SCHOLAR – <http://scholar.google.com.br>

IRESE (Índice de Revistas de Educación Superior e Investigación Educativa. Base de Datos sobre Educación Iberoamericana) - <http://iresie.unam.mx>

LATINDEX (Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal) - <http://www.latindex.unam.mx>

REBIUN (Red de Bibliotecas Universitarias Españolas) - <http://www.rebiun.org>

n. 20 (jan. - jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Artigo recebido em 28/fev./2016. Aceito para publicação em 28/maio/2016. Publicado em 25/jun./2016.

Como citar o artigo:

REIS, Mônica Karina Santos; ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. O livro, esse suporte contemporâneo do conhecimento. **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*. Editora Dra. Valdeci dos Santos. Feira de Santana – Bahia (Brasil), n. 20 (jan. – jun. 2016), 25 jun. 2016, p. 43-66. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: DIA mês ANO.






n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

O LIVRO, ESSE SUPORTE CONTEMPORÂNEO DO CONHECIMENTO



BOOK, THIS CONTEMPORARY KNOWLEDGE SUPPORT

Mônica Karina Santos Reis

Mestra em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN – BR 
Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN – BR 

Bibliotecária Documentalista da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
Pesquisador Permanente do Grupo de Estudos da Complexidade – GRECOM – BR 
E-mail: monicabiblioufrn@gmail.com

Maria da Conceição Xavier de Almeida

Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP – BR
Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN – BR 
Coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade – GRECOM – BR 
E-mail: calmeida17@hotmail.com

44

RESUMO

A evolução dos suportes informacionais entra na era digital e tecnológica, trazendo com ela o surgimento de leitores eletrônicos considerados por alguns como possíveis substitutos para o livro impresso. Nessa perspectiva, este artigo apresenta uma discussão acerca da temática do possível desaparecimento do livro impresso e sua coexistência com os suportes de leitura em meio digital. Ao utilizar o método como estratégia, elege como operador cognitivo o livro *Não contem com o fim do livro*, de Umberto Eco e Jean-Claude-Carrère para defender o argumento de que o livro na forma como o conhecemos hoje, não deixará de existir e nem poderá ser substituído pelos e-books e demais suportes. Para sustentar seus argumentos, discorre um breve histórico sobre a evolução dos suportes informacionais, destacando o caráter contemporâneo do livro na concepção da palavra defendida por Giorgio Agamben (atemporal, longe de visões determinísticas cronológicas-causais) em detrimento dos efêmeros suportes informacionais tecnológicos. De natureza bibliográfica, recorre a filósofos da ciência e da cultura, como Edgar Morin, Maria da Conceição de Almeida, Giorgio Agamben, Vandana Shiva, Pierre Levy, Umberto Eco, Roger Chartier, para a construção do referencial teórico. Como reflexão final considera que devemos propugnar pela coexistência entre os suportes e pela perenidade do livro como suporte responsável pela perpetuação da memória e da sabedoria humana.

Palavras-chave: Suportes informacionais. Livro impresso. E-book. Complementaridade.

REIS, Mônica Karina Santos; ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. O livro, esse suporte contemporâneo do conhecimento.



ABSTRACT

The evolution of informational support enters the digital and technological age, bringing with it the emergence of electronic readers considered by some as a possible substitute for the printed book. From this perspective, this article presents a discussion about the subject of the possible demise of the printed book and its coexistence with reading media in digital media. By using the method as a strategy, chooses as cognitive operator the book. Do not count on the end of the book, Umberto Eco and Jean-Claude-Carriere to defend the argument that the book in the way we know it today, will not cease to exist and or it may be replaced by e-books and other media. To support its arguments, discusses a brief history of the evolution of informational support, highlighting the contemporary character of the book in the design of the word advocated by Giorgio Agamben (timeless, far from chronological-causal deterministic views) over ephemeral technological informational support. Bibliographical nature, uses philosophers of science and culture, as Edgar Morin, Maria da Conceição de Almeida, Giorgio Agamben, Vandana Shiva, Pierre Levy, Umberto Eco, Roger Chartier, for the construction of the theoretical framework. As a final thought believes that we should advocate the coexistence between the supports and the continuity of the book as support responsible for the perpetuation of memory and human sapience.

Key-words: Informational support. Printed book. E-book. Complementarity.

1 INTRODUÇÃO

O livro impresso é uma invenção que data do século XV e ainda hoje é considerada o suporte de conhecimento mais significativo para a nossa sociedade. O conhecimento nele eternizado pode ser considerado como indicador histórico da evolução social, das mudanças e permanências, construções e reconstruções sociais, culturais, documentárias e literárias. Como fonte de memória e transmissão de informação e conhecimento, esse suporte da escrita popularizou-se e adquiriu grande representatividade preservando a memória e difundindo a cultura. Essa assertiva nas palavras de Escolar são compreendidas como,

La característica esencial del hombre há sido y es la creación de instrumentos o herramientas que le han permitido y le permiten ampliar sus facultades naturales hasta convertido en la criatura más poderosa o, como se le ha venido llamado, em el rey de la creación; y el más fecundo invento del hombre, la herramienta

REIS, Mônica Karina Santos; ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. O livro, esse suporte contemporâneo do conhecimento.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

más maravillosa por él creada, há sido el libro, entendido no em su sentido físico, sino como conjunto ordenado de mensajes, es decir, visto como contenido, no como continente o soporte (ESCOLAR, 1988, p. 17).

As características descritas pelo autor, ao considerar o livro como a invenção mais maravilhosa já criada pelo homem, se coadunam com os argumentos do bibliófilo Umberto Eco ao enfatizar que “[...] o livro é uma invenção como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. [...] e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro” (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 16-17).

Embora sua essência tenha sido preservada, o livro apresenta em sua evolução um processo marcado por uma série de metamorfoses. Em síntese, originariamente confeccionado em rolos de pergaminho, mais tarde adquiriu o formato dos códices, e destes para os impressos em papel, chegando agora a um novo formato, o eletrônico. “[...] Pouco a pouco, o saber se objetivou: primeiro em rolos, pergaminhos, suportes de escrita. Depois, em livros de papel, suportes de imprensa. E hoje, concluindo, na internet, suporte de mensagens e de informação” (SERRES, 2013, p. 25).

A história do registro da informação e conhecimento humanos evidencia uma natureza de transformação e substituição. Isso, de certa forma, poderia nos levar a questionar se o mesmo ocorreria com o livro. Entretanto, as condições que levaram às substituições dos suportes anteriores, tais como a escassez de matéria-prima, um melhor acondicionamento, a facilidade de manuseio, hoje não subsistem.

Nada existe de consistente que assegure as especulações acerca do fim do livro. Ao contrário, ainda hoje ele se apresenta como um forte candidato à eternidade, e de forma alguma pode pertencer ao grupo dos suportes caracterizados como efêmeros. Ele ainda é o meio mais durável para acondicionar saberes científicos, sentimentos, desejos, sonhos e fantasias oriundas do consciente e inconsciente. Insuperável na ordem do imaginário, sua essência não mudou. Ele estará sempre esperando para ser aberto e folheado novamente.

O que muda hoje, é a constatação de que vivemos em uma sociedade fortemente marcada pela mobilidade, interatividade e substituição. Dentre as projeções futuristas de extinção, substituição e conseqüente desaparecimento, a do livro impresso parece ser recorrente e duradoura. O surgimento dos e-books ou leitores óticos em tela fizeram com que alguns questionamentos fossem feitos e entre eles podemos destacar: O livro impresso está realmente
REIS, Mônica Karina Santos; ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. O livro, esse suporte contemporâneo do conhecimento.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

com seus dias contados? Será finalmente o fim do livro? O que pode ser considerado um livro? Os que são os leitores eletrônicos ou e-books?

Pequenos aparelhos de tecnologia digital leves e neles cabem muitos livros juntos. Mas são livros que não são livros. O que são, então esses objetos? São simulações. São projetos sempre “beta”. São *softwares* que rodam em materialidades que não se parecem com livros, mas que se aproximam de telefones, calculadoras ou pequenos computadores (RIBEIRO, 2011, p. 47).

47

Atualmente, mesmo envoltos em tantos estímulos e recursos midiáticos, na homogeneização do pensamento, na proliferação das culturas de massa, vivendo na sociedade do simulacro, da substituição e do descartável, resultantes da dialética produção e consumo, ainda há uma frente de resistência que produz, comercializa e consome livros em todo o mundo.

Para a leitura do mundo e aquisição do conhecimento, o livro desempenha importante função. Talvez seja ele o mais nobre suporte para leitura. “[...] A excelência do livro decorre provavelmente do seu poder de registro e resgate do conhecimento, que aliado a novos saberes pode ser capaz de impulsionar o desenvolvimento não apenas de indivíduos, mas de todo um grupo social” (MACEDO, 2014, p. 34).

Ler é interação. O indivíduo que toma em suas mãos um livro para folhear, cheirar ou ler constrói uma experiência com o objeto. Essa interação ocorre de forma distinta para os diversos suportes. Nessa perspectiva, o processo de leitura exigido pelo mundo transmitido pela tela é provavelmente mais complexo que aquele sugerido pelo impresso.

Diante desse cenário de decadência do impresso e ascensão do e-book, considero importante acrescentar que recentemente encontramos com facilidade na internet alguns artigos e notícias que apontam para o aumento da venda de livros impressos em sites de grande expressividade como o Amazon e a Livraria Cultura e a rede de sebos virtuais como o Estante virtual, que têm se tornado campeões em vendas de livros. Assim como pesquisas realizadas com jovens adultos que afirmam preferirem o livro impresso ao digital por motivos diversos. Essas situações apresentadas mostram como a internet está se constituindo como um caminho para aproximar jovens e adultos dos livros, da leitura e da literatura.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

A ideia de que existe algum tipo de competição entre o livro impresso e os recursos eletrônicos talvez seja decorrência de certa visão fragmentada ou míope, pois ao contrário do que se pensa, tudo aponta antes para a complementaridade entre os suportes, do que para a suposta substituição de um pelo outro.

Neste artigo temos o propósito de fazer dialogar a assertiva do filósofo, escritor e semiólogo Umberto Eco, para quem o livro é uma espécie de invenção insuperável na ordem do imaginário, com a noção do filósofo italiano Giorgio Agambem acerca do conceito de contemporâneo. Tomando por base os argumentos dos dois filósofos, construímos um meta ponto de vista que advoga a perenidade do livro e alerta a sociedade para a necessidade de operarmos pela complementaridade e pela lógica da conjunção os suportes informacionais oriundos da tecnologia antiga, atual e futura.

48

2 O LIVRO COMO OBJETO CONTEMPORANEO DO CONHECIMENTO

O livro pode ser pensado ou idealizado metaforicamente como um passaporte capaz de nos transportar de um estado anômalo de ignorância rumo ao conhecimento de uma verdade. O conhecimento eternizado nos livros serve de informações para os leitores. Estes, ao se apropriarem do que leem, realizam comparações ou confrontações com seu conhecimento prévio e constroem, assim, o seu conhecimento pertinente. A relação existente entre livro, leitor e conhecimento consolidada desde a invenção da prensa de tipos móveis de Johannes Gutenberg reafirma o caráter contemporâneo desse suporte das informações, do conhecimento e da sabedoria humana.

O ponto inicial de nossa reflexão é a noção de contemporâneo utilizada pelo filósofo italiano Giorgio Agamben, narrada na obra *O que é o contemporâneo? e outros ensaios* (2009). Nessa publicação composto por três ensaios intitulados: *O que é o dispositivo*, *O que é o contemporâneo* e *O amigo*, o pensador italiano amplia concepções acerca da noção foucaultiana de dispositivo; ressignifica a definição de contemporâneo; e busca construir uma nova definição para o tempo amigo por meio da filosofia e da linguística.

REIS, Mônica Karina Santos; ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. O livro, esse suporte contemporâneo do conhecimento.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Para nós, é a ressignificação construída por Agamben para expor o que considera contemporâneo, por intermédio de noções ou argumentos, em novos patamares, retirando do vernáculo o sentido estritamente epocal que dará sustentação aos argumentos que serão aqui descritos acerca da contemporaneidade do livro. Para ele:

1. Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado a suas pretensões e é, portanto nesse sentido inatual; mas exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que outros, de perceber e apreender o seu tempo (AGAMEN, 2009, p. 58).
2. Contemporâneo é aquele mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. É aquele que sabe ver na obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente (AGAMBEN, 2009, p. 62).

Sob a luz dessas características, defendemos o argumento de que o livro resiste e persiste ao longo desses seis séculos como o principal suporte de registro do conhecimento humano, mesmo diante do avanço tecnológico e principalmente das projeções e previsões que creram no seu fim.

Para tanto, faremos uma breve digressão à história dos suportes de registro do conhecimento, elencando a ocorrência e suas finalidades com o objetivo de ressaltar diante de todos os suportes que serão citados o caráter contemporâneo do livro.

Ao longo dos séculos, fomos espectadores das invenções realizadas pelo homem. Algumas invenções foram decisivas para a evolução da humanidade e perpetuação do conhecimento produzido. Dentre as quais, podemos destacar a palavra escrita como uma das tecnologias mais transformadoras já criadas em nossa sociedade. Fundamentalmente, a escrita é a casulo onde é gerada a vida do conhecimento humano, permitindo que ele perdure por séculos.

Como artefatos para dar sustentação para a escrita, foram criados os suportes. Bases físicas sobre as quais na história dos suportes de registro de conhecimento, destacamos dentre os mais conhecidos: o papiro de origem vegetal, considerado o principal suporte da escrita na antiguidade. Seu formato era em rolo ou volumem. Apresentava baixo custo, fácil reprodução;

REIS, Mônica Karina Santos; ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. O livro, esse suporte contemporâneo do conhecimento.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

entretanto, extremamente frágil e de manuseio complexo. Com a escassez do papiro, buscou-se um substituto.

O pergaminho veio a substituir esse suporte. Feito geralmente de pele de carneiro, curtida e tratada, tornava os manuscritos enormes. O seu desenvolvimento foi consequência da necessidade de substituir o papiro como material de escrita, porque aquele não mais satisfazia às exigências da evolução do livro, que abandonava o rolo pelo códex e pela folha dobrada ao meio.

O processo de fabricação com pasta de madeira dando origem ao papel foi o principal suporte da escrita inventado pelo homem. Esse material atravessou os séculos e representa um marco na nossa história, mantendo-se vivo até os dias atuais. “[...] A história da civilização moderna foi escrita, em grande parte, não ‘sobre’ o papel, mas ‘pelo’ papel” (MARTINS, 2001, p. 123). É a partir do papel que surge o livro impresso no formato tal qual conhecemos atualmente.

O papiro, o pergaminho e o papel são os suportes responsáveis pela perpetuação do conhecimento humano cristalizado pela escrita. E dessa forma ocorreu até o surgimento das novas tecnologias de base microeletrônica. Com o advento do computador, a escrita não se dá mais no suporte físico, impresso, e sim por meio de um teclado. Voltamos à era dos letras como constata Eco e Carrière,

Com a internet voltamos à era alfabética. Se um dia acreditamos ter entrado na civilização das imagens, eis que o computador nos reintroduz na galáxia de Gutenberg, e doravante todo mundo vê-se obrigado a ler. Para ler é preciso um suporte. Esse suporte não pode ser apenas o computador (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 16).

No decurso dessa mudança, surgem os suportes chamados duráveis, como disquetes, CD-ROM, DVD-ROM, pendrives e, os mais recentes, drive nas nuvens como Dropbox ou Google drive, com a missão de servir como guardiães do conhecimento produzido, assim como outrora coube ao pergaminho, papiro e livro impresso.

Em síntese, todos os suportes apresentados têm uma característica peculiar e familiar. Todos são intrínsecos a uma determinada época, são ícones dessa época e obedecem a um ciclo



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

de vida, nascem (são criados), vivem seu apogeu e, em seguida, há o declínio. São fixos em um tempo, seu tempo de vida útil pode ser cronologicamente datado.

Foi assim com o papiro e o pergaminho. Surgindo para suprir a necessidade de um meio físico para que o conhecimento que já havia sido produzido pudesse ser perpetuado a gerações futuras. Tiveram seu momento de apogeu, como principal suporte de sua época. E o declínio, quando foram inutilizados devido, dentre outras coisas, à sua escassez.

De forma semelhante ocorreu com os disquetes de 31/2 e 51/4. Eles surgiram na década de 1970, no momento de efervescência tecnológica, apresentando-se como soluções compactas e portáteis para problemas de espaço. Acreditava-se que esses suportes perdurariam durante longos anos. Entretanto, as atualizações do hardware os tornaram obsoletos por não mais possuírem máquinas capazes de realizar a leitura das informações nele contidas.

Esses dispositivos móveis de memória foram aos poucos sendo substituídos pelos CD-ROM, DVD-ROM. A tecnologia presente nos discos compactos apresentava-se com alto grau de qualidade em seu armazenamento e proporcionava acessibilidade a um número maior de finalidades informacionais. A cada nova tecnologia, acreditamos que os nossos problemas de armazenamento de memória serão resolvidos, como podemos constatar nas palavras de Eco e Carrière (2010),

Quando surgiu o DVD, achamos que tínhamos finalmente a solução ideal que resolveria para sempre nossos problemas de armazenamento e de acessibilidade. Até então eu nunca formara uma filмотeca pessoal. Como DVD, constatei que finalmente dispunha do meu “suporte durável”. Nada disso. Agora nos anunciam discos num formato mais reduzido, que exige a aquisição de novos aparelhos de leitura, e que poderão conter, como no caso do e-book, um número considerável de filmes. Os bons e velhos DVDs, portanto, serão jogados às traças, a não ser que conservemos aparelhos que nos permitam projetá-los (p. 23).

Os suportes chamados duráveis vivem seu apogeu na sociedade cibernética. Mas são fixos em seu tempo. Uma vez ultrapassados pela evolução das descobertas científicas, caem em desuso, são sucateados e têm sua morte decretada pelo simples fato de serem dependentes da tecnologia vigente. O esquecimento vem cada vez mais depressa. O século XX é o primeiro



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

século a deixar imagens em movimento de si mesmo, de sua própria história, e sons gravados – mas em suportes frágeis e ainda mal consolidados (ECO; CARRIÈRE, 2010).

O livro transcende essa característica por um fato simples e transparente. Ele não necessita de nenhum aparato tecnológico para que as pessoas possam acessá-lo. Não precisa ser evoluído em seu formato para acompanhar o avanço tecnológico. Simplesmente existe, só precisa ser folheado.

Retomando a ideia de contemporâneo como aquele que, caracterizado pelo deslocamento e pelo anacronismo, não pode ser fixado em um tempo cronológico, podemos crer que o único suporte que atende a essa exigência é o livro impresso.

A ausência de temporalidade cronológica do livro é uma característica que explica sua contemporaneidade. O livro impresso, encadernado, capa dura, capa simples, papel original, papel reciclado, seja no século XVII, berço das universidades e do nascimento da ciência moderna, seja no século XXI, apogeu dos aparatos tecnológicos, permanece o mesmo.

Os suportes informacionais acessados em computadores há pouco mais de uma década, atualmente são considerados lixo eletrônico e só existem em museus. Muitas das informações neles contidas não foram migradas para um novo suporte, e simplesmente perderam-se no tempo. Não se pode reutilizar ou atualizar os suportes da tecnologia. Eles simplesmente são substituídos.

Umberto Eco relata que, também ele, foi vítima da substituição desses suportes. Em *Não conta com o fim do livro*, Eco afirma não conseguir mais ter acesso a uma versão de sua tese de doutorado armazenada em um disquete de 5/14, pois atualmente não existem mais computadores em condições de uso para fazê-lo. Ao passo que, em sua coleção, ele possui livros impressos datados de séculos anteriores e ainda em condições de serem manuseados. Por isso, diz,

ainda somos capazes de ler um texto impresso há cinco séculos. Mas somos incapazes de ler, não podemos mais sequer ver, um disquete, uma fita cassete eletrônica ou um CD-ROM com apenas poucos anos de idade. Não existe nada mais efêmero do que os suportes duráveis (ECO; CARRIÈRE, 2010, p. 24).

Os suportes de informação criados pela técnica são substituídos com uma celeridade incontrolável. A supressão de um modelo por outro mais atual e avançado em funcionalidades tecnológicas cria problemas como o da incompatibilidade entre os suportes e a vulnerabilidade.

REIS, Mônica Karina Santos; ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. O livro, esse suporte contemporâneo do conhecimento.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Em um mundo, como o nosso, imerso na tecnologia, o livro impresso pode ser considerado contemporâneo justamente pela sua característica de desconexão e dissociação com a sociedade atual. Ele existe e persiste em uma sociedade que cultua a internet e seus agregados, iPod, iPad, smartphones e e-books. De modo que como afirma Agamben,

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo (AGAMBEN, 2009, p. 59).

A tecnologia é algo de presença muito forte em nossa sociedade. Está presente nas nossas atividades mais simples. Somos espectadores da invasão tecnológica em nossa casa, nosso trabalho, nossas relações interpessoais e familiares. Utilizada como suporte de conhecimento, ela possibilita a todo leitor, sob a condição de estar diante de uma tela e conectado a uma rede, a disponibilização universal do patrimônio escrito.

Mesmo reconhecendo os avanços e progressos da cultura tecnológica, é oportuno proceder a uma autocrítica sensata aos novos suportes disponibilizados pela informática. Para não incorrerem em excessivas generalizações, e acreditar que o livro impresso deve estar fadado a desaparecer, sendo substituído pelo e-book. Nem tão pouco desconsiderarmos a eficiência dos suportes informacionais midiáticos.

A esse respeito, Conceição Almeida faz um alerta, ao afirmar que qualquer supressão, que tenha por base o desaparecimento do livro impresso e a vise a ascensão dos suportes eletrônicos, corresponde à regressão da cultura humana, a sacralização de um único modo de pensar e agir, a imposição de uma ‘monocultura da mente’, criticada por Vandana Shiva (2003), ou melhor dizendo, nesse caso, a monocultura da tecnomente (ALMEIDA, 2010).

Porém, não podemos perder de vista que o que denominamos de moderno tem sua origem escondida no imemorial e no pré-histórico. O que os suportes tecnológicos representam hoje tem sua origem (arké) nos primeiros suportes informacionais. Quando o livro pôde ser produzido em larga escala por meio da prensa dos tipos moveis, também ele foi considerado como elo de comunicação entre os homens e disseminador de informações. Nas palavras de Escolar,

REIS, Mônica Karina Santos; ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. O livro, esse suporte contemporâneo do conhecimento.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Desarrolló también la comunicación entre los hombres al permitirles remontar las barreras del tiempo y del espacio em la recepción de los mensajes y consiguientemente facilitó el intercambio de información sobre lo útil y lo provechoso, acentuado el carácter social del ser humano (ESCOLAR, 1988, p. 18).

As características atribuídas ao livro por Hipólito Escolar são muito próximas àquelas que constatamos serem propagadas pela cultura das mídias nos dias atuais, entretanto, sem a substituição recorrente e dinâmica dos suportes.

É justamente por estar tão imbricada na sociedade atual, por dela fazer parte como integrante e integrada, que a tecnologia não opera pela lógica da contemporaneidade. “[...] Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela” (AGAMBEN, 2009, p. 59).

Fazendo referência à segunda definição apresentada por Agamben de contemporâneo, como aquele que recebe em pleno rosto o fecho de trevas proveniente do seu tempo, poderíamos fazer uma analogia e entender os suportes informacionais tecnológicos como a luz existente no presente e o livro como o fecho de trevas que coexiste com esses outros suportes.

Em sua definição, o autor esclarece que o escuro não é apenas e tão somente a ausência de luz, mas sim o resultado de um processo da atividade celular realizado pela nossa retina. Isso para dizer que o escuro característico da contemporaneidade não representa de forma alguma um comportamento inerte ou de passividade, ao contrário, implica em uma habilidade peculiar de neutralizar as luzes que provêm da sua época, para descobrir seu escuro especial, que, no entanto não é, e não pode ser separado dessas luzes (AGAMBEN, 2009).

É do livro impresso, e mais precisamente de suas características como suporte de conhecimento, a capacidade de subsistir diante da variedade de suportes oriundos das novas tecnologias, e fazer prevalecer diante do brilho ofuscante deles, a sua essência, não existindo nada que para o mesmo uso consiga superá-lo.

Assim sendo, podemos assentir que contemporâneo não é apenas aquele que não se deixa cegar pelas luzes do século, mas consegue entrever nelas a parte da sombra e sua obscuridade. Precisamos exercitar uma consciência política que nos permita perceber que não podemos ser imparciais diante dos objetos culturais que produzimos. E principalmente que a aceleração da



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

produção contribui para a extinção da memória. Esse é muito provavelmente um dos problemas mais contundentes da nossa civilização (ECO; CARRIÈRE, 2010).

A fragilidade dos suportes duráveis é uma realidade. A questão a ser politizada vai muito além da simples substituição ou não do impresso. Antes, devemos concentrar nossos esforços para analisar a possibilidade de memória que pode ser definitivamente comprometida com essa falta de comunicação, de transferência de conteúdo entre os suportes inovadores. Analogamente a uma das possíveis concepções de Agamben acerca da noção de contemporâneo como aquele que percebe e apreende o escuro diante da resoluta luz, ou seja, o que está em destaque, podemos pontuar que, no nosso caso, a luz seriam os suportes informacionais eletrônicos e o escuro do presente, o livro impresso. Para o filósofo,

Contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que, dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de coloca-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de citá-la segundo uma necessidade que não provém de maneira nenhuma do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder (AGAMBEN, 2009, p. 72).

Uma sugestão conhecida, mas dificilmente praticada, é a ideia de complementaridade. Uma possível solução seria deixar vaziar as características contidas no contemporâneo, existentes no impresso para o virtual, de forma a transformá-lo em algo mais confiável, mais durável, em uma exigência que atualmente ele não pode responder.

3 POR UMA COEXISTÊNCIA ENTRE OS SUPORTES

Podemos pensar numa convivência harmoniosa entre as tecnologias atuais e outras formas de produção e difusão do conhecimento. Na coexistência e interrelação recíproca dos diversos circuitos de produção e difusão do saber, e não em amplificar e extrapolar certas tendências, ligadas apenas à rede informático-midiática (LEVY, 1993).

REIS, Mônica Karina Santos; ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. O livro, esse suporte contemporâneo do conhecimento.



Nos encontramos diante de possibilidades, portanto, da incerteza. Não se trata aqui de diabolizar a tecnologia, nem também de sacralizar o livro impresso. Devemos levar em consideração, primeiro, que os suportes midiáticos, mais especificamente o e-book, devem ser considerados como uma variação do livro, mas não a sua substituição. Segundo: a diversidade dos suportes talvez permita a defesa da complementaridade como uma atitude desejável, no sentido de uma experimentação noológica e tátil. Conforme o ideário das ciências da complexidade, toda substituição é uma redução e pode levar a uma simplificação. A complementaridade é, pois, uma estratégia de ampliação de nossas experiências de conhecimento.

Talvez o desafio do mundo ocidental para fugir a uma monocultura da mente, conforme sugere Vandana Shiva (2003), seja operar por complementaridade. Toda vez que imaginamos a sociedade como uma sequência de coisas que se substituem, estamos operando por um equívoco. Logo, é melhor pensar nos aparatos tecnológicos como potencializadores das aptidões do nosso corpo e nossa mente, devendo eles ser entendidos como complementares aos regimes do pensamento.

Com razão, Pierre Levy (1993) narra a história da sociedade sob a ótica da sequência de três polos do espírito. Nessa sequência, ele destaca que esses polos não se substituem, são complexificações, bifurcações e criação de linguagens novas. Os polos da oralidade, da escrita e da informática.

A representação do tempo se dá de forma diferente em cada um desses polos. Na oralidade, o tempo era circular; na escrita linear e na era digital, pode ser representado por uma infinita rede. “[...] Os polos da oralidade, da escrita e da informática não são eras: não correspondem de forma simples a épocas determinadas. A cada instante e a cada lugar os três polos estão sempre presentes, mas com intensidade variável” (LÉVY, 1993, p. 126).

Desse modo, do ponto de vista de uma cronologia histórica, a transmissão oral do conhecimento começou muito antes do surgimento da escrita e não foi extinta depois que o homem começou a fazer seus registros rupestres. O polo da oralidade transversaliza todo o processo de evolução humana. Em seguida, aparece à escrita, mas a fala continua presente. O homem é o ser que fala, conta sua história, diz era uma vez, e às vezes grava essa história no livro e, quando grava, fica para sempre. Agora, ele projeta essa história para uma tela.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Esse mesmo argumento é defendido por Almeida (2010), ao afirmar que devemos optar sempre pelas forças de conjunção, pela complementaridade e não pelas forças de disjunção, que são conseqüentemente redutoras e mutilantes. Toda vez que operamos por redução, estamos operando na oposição e na diminuição do nível de complexidade dos sistemas e das ideias.

Mesmo que correspondam, em sua origem, a momentos da evolução social, essas três tecnologias da inteligência constituem, juntas, hoje, um conjunto de potencialidades diferenciadas para compreender o mundo e produzir conhecimento. Por isso mesmo não devem ser permutáveis entre si, substituídas umas pelas outras, nem suprimidas da rede da comunicação.

A oralidade sobrevive, até hoje, mesmo depois do surgimento da escrita, e persiste na sociedade moderna onde impera o digital, pois, parte dos recursos disponibilizados pela informática, ainda tem no ato de falar o operador que a potencializa e a faz comunicar. Os recursos tecnológicos estão, implícita e explicitamente, voltados para satisfazer a necessidade do ser humano de se comunicar. Feita por homens e para homens, a informática por si só não resolve os problemas de comunicação.

Com a escrita inaugura-se uma forma de se produzir e disseminar conhecimento totalmente novo. Pela primeira vez, elimina-se a necessidade da mediação e do contato face a face entre humanos na transmissão de mensagens. Na sociedade caracterizada pela escrita, o conhecimento toma proporções antes inimagináveis. Nela, o saber produzido pelos indivíduos ganha caráter concreto, estanque, uma vez que está registrado, disponível e consultável ao alcance de todos e, assim, sendo suscetível a interpretações e análise.

Por sua vez, o polo da informática possibilita um conhecimento do tipo mais operacional, não para ser lido, mas utilizado, sendo que as palavras de ordem são velocidade, interação e operacionalidade. “[...] O modelo digital não é lido ou interpretado como um texto clássico, ele geralmente é explorado de forma interativa” (LEVY, 1993, p. 121).

O suporte da informação torna-se infinitamente leve, móvel, maleável, clicável, pronto a sofrer todas as metamorfoses, todos os revestimentos, todas as deformações, podendo ser decomposto, recomposto, indexado, ordenado, comentado, associado e diretamente acessível. Nesse polo, o conhecimento assume um caráter menos absoluto e mais operatório, direcionado às circunstâncias particulares de seu uso em um ritmo próprio da sociedade em rede, o tempo real.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Cada um dos três polos expõe singularidades cronológicas e referências que os distinguem, sem opor. De mesmo modo são representativos de cada época, justificando, assim, sua coexistência e complementaridade até os nossos dias. Mesmo com a utilização dos recursos da informática, livros históricos, literários, reflexivos ou críticos continuam a ser publicados, comercializados e lidos. Bibliotecas continuam a existir, aperfeiçoando seus serviços, atualizando e diversificando seu acervo.

Partindo do desenvolvimento cronológico dos três polos de Pierre Levy, e fazendo uma analogia com a história dos suportes informacionais, podemos perceber que ainda vivenciamos a existência mútua dos três polos por ele citados, e da mesma maneira podemos acreditar em uma coexistência harmoniosa entre o livro impresso e o e-book. Como sabiamente afirma Chartier, “[...] apenas preservando a inteligência da cultura do códex poderemos gozar a ‘felicidade extravagante’ prometida pela tela” (CHARTIER, 1999, p. 107).

A rede mundial de computadores permite o acesso às informações a um maior número de pessoas. A pergunta que precisamos fazer é: Quem tem acesso a essas informações? A que e a quem elas servem? A resposta é apenas simples, apenas aquelas pessoas que estão lincadas, com acesso à internet e as redes sociais. Mas algumas pessoas ainda hoje não têm acesso à rede e recorrem a fontes mais tradicionais de informação.

Não se pode ignorar os avanços e o legado trazido pela tecnologia e seus novos suportes. A chegada mais recente da informação armazenada nas nuvens promete uma nova revolução para o armazenamento e compartilhamento de informações. Entretanto, esse acesso remoto nos possibilita ter contato com uma quantidade de informação imensurável e inteligível. Não conseguimos dar conta de compreender tudo o que está a nosso dispor. Consequentemente, não produzimos conhecimento. Como bem constata Almeida (2010),

Fala-se hoje em sociedade do conhecimento quando, de fato, estamos imersos numa sociedade da informação, da hiper-informação, da publicização extrema, da visibilidade acentuada, mas não numa sociedade do conhecimento. Conhecimento é tratamento de informação, articulação de dados construídos e não aglomeração de informações (ALMEIDA, 2010, p. 70).



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

As afirmações de Almeida nos levam a crer que precisamos ter a consciência de que a sociedade em rede facilita a disseminação do conhecimento científico entre a comunidade usuária, entretanto, o crescimento exponencial e descontrolado das informações torna-se uma dificuldade ao sujeito cognoscente na elaboração de sínteses articuladoras de sentido e na produção do conhecimento (ALMEIDA, 2010).

Os indivíduos, diante dos inúmeros estímulos disponibilizados pela tecnologia midiática, perdem-se num emaranhado de informações, imagens e sons; acabam por dispersar sua concentração e raciocínio, fazendo com que, muitas vezes, percam o foco e não consigam articular as informações.

A esse respeito, Michel Serres faz um alerta aos pais e educadores na orientação das crianças que já nascem, muitas delas, no mundo conectado, e desconhecem outra forma de conhecer e processar informações. Muitas das vezes, antes de serem alfabetizadas, já sabem manusear tablets e celulares, mas não sabem sequer manusear um dicionário.

Essas crianças, então, habitam o virtual. As ciências cognitivas mostram que o uso da internet, a leitura ou a escrita de mensagens com o polegar, a consulta à Wikipédia ou ao Facebook não ativam os mesmos neurônios nem as mesmas zonas corticais do que o uso do livro, do quadro-negro ou do caderno. Essas crianças podem manipular várias informações ao mesmo tempo. Não conhecem, não integralizam nem sintetizam da mesma forma que nós, seus antepassados. Não têm mais a mesma cabeça (SERRES, 2013, p. 19).

Podemos estabelecer uma relação entre a expressão ‘não ter mais a mesma cabeça’ a que se refere Serres, e a distinção entre ‘cabeça bem cheia’ e ‘cabeça bem-feita’ formulada por Montaigne e reiterada por Edgar Morin, em *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento* (2011), de que “mais vale uma cabeça bem-feita que bem cheia”.

Para Morin, o significado de uma cabeça bem cheia é obvio: é uma cabeça onde o saber é acumulado, empilhado, e não dispõe de um princípio de seleção e organização que lhe dê sentido. Por outro lado, uma cabeça bem-feita, em vez de acumular o saber, dispõe ao mesmo tempo de princípios organizadores capazes de religar os saberes e lhes dar sentido, e uma aptidão geral para expor e tratar os problemas (MORIN, 2011).



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Podemos simular, então, que o indivíduo dotado de uma cabeça bem cheia ao se deparar com uma rede complexa de informações, hiperlinks, hipertextos e imagens, não consegue acessar os estímulos cerebrais responsáveis por filtrar apenas aquilo que lhe é relevante, e estabelecer as conexões neurais responsáveis pela produção do conhecimento pertinente. Perdemos-nos muito mais facilmente em um hipertexto do que em uma enciclopédia. A referência espacial, sensorial e motora que experimentamos ao segurar um livro nas mãos não é a mesma de quando estamos diante de uma tela de computador ou diante de um leitor digital (LEVY, 1993).

Por sua vez, a cabeça bem-feita é aquela que articula informação e constrói conhecimento mediante um capital intelectual amplo e selecionado. Capaz de produzir conhecimento organizado, com sentido e propor intervenções para tratar dos problemas complexos da sociedade atual.

O indivíduo dotado de uma cabeça bem-feita compreende que a construção do conhecimento é algo mais que só ter acesso a informações. É preciso possuir a sensibilidade para selecionar, tratar e estabelecer conexões entre o elemento novo e o conhecimento prévio. Ampliar, ressignificar, imputar sentido às novas informações internalizadas. Nas palavras de Almeida o

conhecimento é manipulação cognitiva, trabalho artesanal do pensamento, como se o pensamento tivesse mãos para dar forma ao que vemos, ouvimos, sentimos, tocamos, apreciamos. Essa manipulação das informações para construir conhecimentos se assemelha ao trabalho do oleiro que, com suas mãos, dá forma ao barro que se torna pote, panela, vasos, telha (ALMEIDA, 2010, p. 71).

O processo de construção do conhecimento descrito acima pressupõe processamento de informação com mais vagar. Ao construir a metáfora do artesão, Almeida (2010) atribui ao pensamento um processo de criação similar ao de uma obra de arte. A arte de eternizar a memória humana. Nesse processo artístico não cabe o imediatismo tão característico das informações eletrônicas, afinal de contas, foi debruçado sobre as páginas dos livros que o homem eternizou sua memória.

Pela escrita e pela imprensa, a memória sofreu uma mutação, deixando de acumular informações, para tratá-las, estabelecer relações entre elas e construir conhecimento. O acúmulo

REIS, Mônica Karina Santos; ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. O livro, esse suporte contemporâneo do conhecimento.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

do saber produzido não se restringia mais à memória humana e passou a ser eternizado nos livros e nas estantes das bibliotecas.

Essa mesma memória está passando por outra mutação, na qual o processo de cognição ocorre externamente ao cérebro humano. Atualmente, grande parte do saber produzido encontra-se estendido diante de nós, objetivo, coletado, conectado, controlado e totalmente acessível na memória computacional e interligado à rede mundial (SERRES, 2013).

Delegamos à memória artificial a responsabilidade de armazenar desde as informações mais simples, como um número de telefone, às mais complexas, como os resultados uma pesquisa realizada durante toda uma vida. Com isso, perdemos o hábito de memorizar nomes, fisionomias, números de telefones. As nossas crianças não memorizam a tabuada e não sabem mais fazer contas de cabeça. Não contamos mais histórias, não decoramos mais poemas. É com preocupação que Serres afirma que,

Antes de Gutemberg, quem se dedicasse à História precisava saber de cor Tucídides e Tácito; quem se interessasse por Física, Aristóteles e os mecanicistas gregos; Demóstenes e Quintiliano, quem almejasse se sobressair na arte oratória... ou seja, tinham de ter a cabeça cheia. Economia: lembrar-se do lugar do volume na estante da biblioteca custa menos, em termos de memória, do que guardar todo o seu conteúdo. Nova economia, radical: ninguém precisa mais se lembrar do lugar, um buscador on-line cumpre essa tarefa (SERRES, 2013, p. 37).

A economia de tempo não necessariamente precisa significar economia de saberes. A memória artificial não substitui a humana. Porque lembrar a página exata, no parágrafo certo de um livro especial, é mais que apreço ao papel, é estar tatuado de uma cultura que revolucionou o conhecimento e persiste até hoje. “[...] Ainda é necessária, portanto, uma memória humana singular para esquecer os dados dos bancos, as simulações, os discursos entrelaçados dos hipertextos e o balé multicolorido que o sol frio dos microprocessadores irradia sobre as telas” (LEVY, 1993, p.132).

Para além da defesa da coexistência entre os suportes de registro do conhecimento, Chartier alerta para a necessidade de se reunir duas exigências. A primeira, é preciso acompanhar de perto com uma reflexão histórica, jurídica e filosófica a mutação sofrida pelos meios de informação e comunicação escrita. A segunda, e indissociável da primeira, é que, por REIS, Mônica Karina Santos; ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. O livro, esse suporte contemporâneo do conhecimento.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

meio das nossas bibliotecas, podemos manter e preservar o conhecimento e a compreensão da cultura escrita nas formas originais, assim como foram geradas (CHARTIER, 1999).

O problema da transferência da memória coletiva para suportes tecnológicos está principalmente no fato dessa mudança ser realizada para suportes efêmeros. Além disso, do ponto de vista fisiológico, o uso reduzido da memória humana é um problema que compromete nossa história evolutiva, pois tudo o que não usamos, exercitamos e complexificamos, enfraquece, perde a função e, por consequência, morre. O universo dos textos eletrônicos significa um distanciamento em relação às representações mentais, operações intelectuais e expressão de emoções exclusivas do cérebro humano, exercitadas na leitura de um belo romance.

62

4 CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES

A discussão empreendida nesse artigo trouxe importantes argumentos para a defesa do argumento de que o fim do livro como anunciado por alguns, não acontecerá. Na verdade, impresso e digital são suportes informacionais complementares e os dois interagindo entre si contribuirão para o desenvolvimento dos indivíduos individual e coletivamente.

A complementaridade entre os suportes ocorre na medida em que um supre a ausência ou deficiência do outro. Enquanto o livro impresso pode ser lido em qualquer local, não depende de energia elétrica ou de suporte tecnológico, não utiliza chips ou cartões de memória, não quebram, não esquentam, não precisa ser atualizado em novas versões periódicas, não dá erro no download, não dependem de hardware ou software para rodar e não afetam agressivamente a visão de seus leitores.

Ao passo que os ebook são portáteis, nos permitem carregar na palma da mão uma biblioteca inteira, utilizar a função do zoom e ampliar o tamanho da letra para melhorar a visualização, enviar um arquivo/livro para um amigo em tempo real. O que ebook nos traz são apenas outras possibilidades de leitura, em novos dispositivos. Entretanto, trata-se de um artefato que não é utilizado exclusivamente para leitura e trazem junto a si elementos que promovem a dispersão e podem desviar o leitor de sua finalidade inicial. Tais suportes exigem, portanto, novas aprendizagens por parte dos indivíduos, tanto na produção quanto no consumo desses novos aparatos tecnológicos de leitura.

REIS, Mônica Karina Santos; ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. O livro, esse suporte contemporâneo do conhecimento.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

Geralmente o que determina o valor de uma obra, nem são as técnicas de elaboração ou impressão, nem tão pouco a forma de acesso, mas a cultura da sociedade, que em determinadas épocas valoriza um dispositivo em detrimento do outro. Dessa forma, para o escritor deve ser prioridade a publicação de seu livro, seja em papel ou digitalmente, contanto que se publique e cheguem aos leitores, visto que o número de livros publicados nunca foi tão grande em toda a história da humanidade.

Por assumir uma postura de ciência que acolhe o inacabamento como um dos princípios do pensamento complexo, não cabe aqui uma conclusão, ou notas finais, mas sim considerações complementares que ampliem com novos argumentos as discussões aqui iniciadas. Certamente um apelo em defesa do livro impresso é mais coerente com as reflexões aqui expostas. Na forma de um Manifesto, elencamos alguns dos motivos pelos quais o Livro deve ser considerado um objeto da cultura a ser preservado, cuidado, defendido e, sobretudo, ser considerado como um lugar da memória e do conhecimento a ser permanentemente revisitado.

O presente Manifesto de amor ao livro tem como propósitos sensibilizar professores, estudantes e cidadãos para uma mudança de compreensão a respeito do livro, sua importância e permanência. Esses propósitos são assim anunciados:

1. Mais do que um suporte marcado pela vulnerabilidade e rápida substituição, o livro tem subsistido a passagem do tempo. Os primeiros livros impressos de que temos notícia datam do século 15. Grande parte da história passada da humanidade só chegou até nós por meio de suportes vegetais e animais em forma de livros. Sem essas “páginas” soltas ou costuradas não teríamos um registro de como pensavam as culturas que nos antecederam no planeta Terra. Por isso não escolhamos cuspir em nosso próprio prato!
2. Mais do que um meio de registro especializado em um domínio da vida dos humanos (técnica, arte, religião, ficção, história, ciência) o livro se apresenta como uma matéria complexa capaz de ser um veículo de comunicação de todas as potencialidades do pensamento. O livro não conhece preconceitos, se deixar tatuar por múltiplas ideologias, teorias opostas, valores morais diversos.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

3. Mais do que objetos decorativos para enfeitar estantes, os livros se oferecem como amigos que guardam sempre, na mesma página, as palavras que gostamos de ler tantas vezes. Eles são como paredes de imagens e palavras que sustentam nossa alma. Por isso, cuidemos de nossas paredes culturais, espirituais!
4. Todo livro guarda um desejo de permanência de quem o escreveu. Mantem vivos o escritor, o cientista, o filósofo e o artista em forma de palavras e imagens. Por que não manter vivos, em palavras Marcel Proust, Albert Einstein, René Descartes, os escribas do passado e os poetas em páginas que já foram peles de árvores, tocamos com nossas mãos e carregamos em nossas malas de viagens?
5. O livro é o suporte escolhido pelo homem para registrar, guardar e perpetuar o patrimônio histórico de nossas experiências. Ele é a nossa memória materializada fora do nosso cérebro. Podemos dizer mesmo que o desaparecimento do livro seria também o da nossa própria memória. Por isso não podemos subjugar a memória humana a suportes efêmeros.
6. Todo livro é um convite. Ao folhear um livro, o leitor é convidado a exercitar os sentidos e a imaginação. Em cada exemplar manuseado deixamos impressas as marcas de nossos dedos, nossos grifos. Sentimos seu cheiro, real ou imaginário. Percorremos com nossos olhos os índices, prefácios, apresentações e sumários que nos dizem um pouco do que nos aguarda em todo o exemplar. Em certos momentos podemos até mesmo ouvir os diálogos entre os personagens da trama, com seus sotaques e vocabulários tão particulares. Em nome desses exercícios corporais e espirituais devemos propugnar pela perenidade do livro.
7. Para as crianças o livro é como o passaporte para a entrada no mundo do conhecimento e da imaginação. Por meio de suas imagens coloridas elas passam a conhecer os objetos, os animais, as cores, as vogais, o alfabeto, as sílabas, as palavras de sua língua e as culturas diversas. Por meio dos livros, as crianças conhecem as fábulas e os personagens que



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

passam a cultivar na infância e adolescência. O livro é, portanto, um elo entre o ser humano e o mundo do conhecimento que não pode ser quebrado.

8. Livros são presentes. Quem nunca presenteou um amigo com um livro? Mas quem já presenteou um amigo com um e-book? Acredito que poucos. Presentear com livros é oferecer a alguém não apenas algo material, mas, ideologias, crenças, emoções, patrimônio histórico e experiências de vida que alimentam o coração e a alma. Não podemos perder essa possibilidade de tornar alguém, se não mais sábio, ao menos mais feliz.
9. Vivemos numa sociedade que cultua a substituição. Aprendemos a descartar e a substituir quase tudo e em pouco tempo. Substituímos o mito pela racionalidade, a oralidade pela escrita, e esta, pela informática. Nesse processo de substituição temos ganhos e perdas. Resta saber o que ganhamos em conhecimento duradouro com a dispensa e desclassificação de objetos culturais como é o caso do livro, uma conquista da humanidade que eterniza o pensamento tatuado em palavras.
10. Pensar no desaparecimento do livro é pensar por consequência no desaparecimento das bibliotecas, esses espaços de reflexão e de sabedorias acumuladas. Uma biblioteca é como uma Torre de Babel, lugar polifônico de encontro entre passado e presente. Por que não nutrir, cada vez mais, o gosto de habitar esses espaços? Percorrer uma biblioteca é deslocar-se no tempo, é voltar ao passado para projetar o futuro. É prestar nossa homenagem a cultura que nos foi legada, oferecida de presente.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição.** São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

REIS, Mônica Karina Santos; ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. O livro, esse suporte contemporâneo do conhecimento.



n. 20 (jan. – jun. 2016), jun./2016 – Pesquisas

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XVI e XVII. Tradução de Mary Del Priori. 2. ed. Brasília: Editora UNB, 1999.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude. **Não contem com o fim do livro**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ESCOLAR, Hipólito. **Historia del libro**. 2. ed. Salamanca: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1988. (Biblioteca del libro).

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993. (Coleção Trans).

MACEDO, Helton Rubiano de. **Das estantes para a tela**: práticas de universitários leitores de livros impressos e digitais. Natal: EDUFRN, 2014.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução: Eloá Jacobina. 19. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

RIBEIRO, Ana Elisa. Ler na tela, o que é, hoje, um livro? In: MARTINS, Aracy Alves et al. (Organizadores). **Livros & telas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 93-105.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**: uma nova forma de viver em harmonia, de pensar as instituições, de ser e de saber. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SHIVA, Vandana. **Monocultura da mente**. Perspectiva da biodiversidade e da tecnologia. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Editora Gaia, 2003.

REIS, Mônica Karina Santos; ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. O livro, esse suporte contemporâneo do conhecimento.